

A TRANSCRIÇÃO DE GUERRA-PEIXE PARA A CANÇÃO *MACHADINHA DO GUIA PRÁTICO* DE VILLA-LOBOS

Beatriz Campello Paes Leme

No início de 1987, ano em que se comemorou o centenário de nascimento de Villa-Lobos, a Funarte patrocinou a gravação de um CD contendo trinta e quatro músicas do *Guia Prático* cantadas pelo Coro Infantil do Teatro Municipal, sob a regência de Elza Lakschevitz. As quatorze primeiras faixas do disco receberam *arranjos* — este é o termo que consta na ficha técnica — do compositor César Guerra-Peixe. E, segundo informação que obtivemos em conversa telefônica com a atual coordenadora de música da Funarte, Valéria Peixoto, o trabalho teria sido a ele encomendado pela instituição especialmente para aquele evento. A instrumentação utilizada foi o quinteto de sopros (no disco o Quinteto Villa-Lobos) e, em algumas das miniaturas, também o piano (Inês Ruffino). Através da análise da partitura de Guerra-Peixe para a canção *Machadinha* e de sua comparação com o original do *Guia Prático* gostaríamos de realizar dois exercícios: primeiro uma observação dos procedimentos utilizados pelo arranjador para transformar a versão escrita por Villa-Lobos, e depois uma discussão acerca dos conceitos de *arranjo* e *transcrição* e do universo de possibilidades de cada um.

O encarte do CD lançado em 87 (e recentemente reeditado dentro da coleção *Acervo Funarte*) traz um texto do compositor Ronaldo Miranda — produtor musical do projeto, ao lado de Elza Lakschevitz — que vamos transcrever na íntegra, não só porque ele parece sintetizar o espírito que cercou este trabalho, mas também porque traz algumas referências que podem ser úteis para futuras considerações.

O FOLCLORE REVITALIZADO

Cento e trinta e sete canções folclóricas compõem o primeiro volume do *Guia Prático*, de Heitor Villa-Lobos, coletânea de fundamental importância para a educação musical e para a memória cultural brasileira.

Ao recolher, sistematizar e dar vida nova ao folclore brasileiro, com arranjos e adaptações de extremo bom gosto e inventividade, Villa-Lobos solidificou um legado essencial da nossa herança musical que hoje vai sendo aos poucos esquecido, pela sua ausência sistemática nas salas de aula e no âmbito familiar.

A gravação atual - que reúne uma seleção de canções do *Guia Prático* com acompanhamento instrumental e a capela - vem justamente lembrar a contribuição indispensável do folclore para a construção de uma cultura musical, no ano em que se comemora o centenário de nascimento de Villa-Lobos.

A primeira parte deste CD congrega 14 canções com acompanhamento instrumental, em expressivos arranjos de Guerra-Peixe, fielmente calcados no original pianístico do autor. O próprio Villa previu textualmente que o seu acompanhamento para piano poderia ser ampliado para conjuntos instrumentais diversos e, na verdade, o Quinteto de sopros acrescido ao piano e às vozes infantis iluminou com novos contornos a beleza simples, mas contagiante, dessas pequenas peças.

Não há como ficar indiferente à alegria espontânea de *Có, có, có* ou *Ó sim!*, ao molejo rítmico de *Rosa amarela* ou *Sambalelé*, à atmosfera dolente de *Constante* ou *Vida formosa*.

Da simplicidade quase 'religiosa' de *Carneirinho*, *carneirão* ao clima festivo de *Na corda da viola*, desfilam ainda pelas vozes, sopros e teclado outras tantas encantadoras miniaturas, como o burlesco *Que lindos olhos!* e o tradicional *Machadinha*, esta emoldurada por uma introdução instrumental deliciosa, em ambientação que faz lembrar o Choros nº6.

Vinte pequenas peças à capela preenchem o restante do CD renovando o prazer de ouvir o folclore brasileiro em suas mais genuínas manifestações. Novamente estão presentes características básicas da nossa música: vibração e alegria em *O anel*, *Caranguejo* e *Candeeiro*; melancolia em *O cravo*, *Capelinha de melão* e *Sapo Jururú*; simplicidade cativante em *Anquinhas*, *Nigue-ninhas* e na bem

humorada *Formiguinha* “da roça”, que “endoideceu com a dor de cabeça que lhe deu”.

As interpretações do Coro Infantil do Teatro Municipal, Inês Ruffino e Quinteto Villa-Lobos são vibrantes e espontâneas, transmitindo toda a energia musical dessa magnífica coletânea.

Ronaldo Miranda

Rio de Janeiro, junho 1987

A canção em que vamos nos concentrar no presente trabalho, *Machadinha*, é a de número 71 do *Guia Prático*. No alto da página, sob o título, encontramos a indicação “canto com piano, conjunto instrumental ou piano solo”; e abaixo, à direita, “arr. de H. Villa-Lobos”. Um primeiro olhar sobre esta partitura, ainda que não seja o objeto principal do nosso interesse, mostra um razoável índice de interferência do compositor no material original, a começar pela introdução que, como observou Ronaldo Miranda, “faz lembrar o *Choros nº 6*”. A partir da entrada do canto vemos que a melodia folclórica não sofreu alteração, mas que o acompanhamento, apesar de simples, é bem elaborado. Villa usou dois tipos de texturas: no início, acordes quebrados — um baixo em graus conjuntos descendentes mais duas vozes nos tempos pares — e, na segunda metade, uma textura mais coral que se adensa gradativamente até chegar a quatro vozes. Na harmonia, apesar da predominância de acordes diatônicos (as exceções são o dó sus-tenido de passagem no baixo, no compasso 6, e a dominante da dominante, nos compassos 8 e 10), existe o cuidado na condução, que se revela na preferência pelos movimentos por graus conjuntos. Outros detalhes, tais como indicações e/ou mudanças de andamento e dinâmica, reforçam o caráter autoral do trabalho.

♩ ALLEGRETTO ♩ = 132

The musical score is written on two staves. The top staff is in treble clef and contains the melody. It starts with a mezzo-forte (mf) dynamic. The bottom staff is in bass clef and contains the accompaniment, which includes chords and a bass line. The piece ends with a 'rall.' (rallentando) marking and the vocal line singing 'Ah! Ah!'.

a tempo

Ah! mi-nha ma-cha - di - nha Ah! Ah! Ah! mi-nha ma-cha

di- nha Quem te pôs a mão sa-ben-do que és mi-nha Quem te pôs a

mão sa - ben - do que és mi - nha

D.S.

A partitura de Guerra-Peixe, por sua vez, sugere um processo de natureza bem diferente. Graças à gentileza de sua sobrinha, Jane Guerra-Peixe, tivemos acesso a uma cópia xerox da grade manuscrita do compositor, a ela fornecida pela própria Funarte, e a primeira coisa que nos chamou a atenção foi a técnica utilizada por ele em sua montagem: Guerra-Peixe colou, no alto do papel de música, a parte em duas pautas recortada do *Guia Prático*, como que para servir de “guia” ao seu trabalho; abaixo dessas duas pautas abriu outras cinco, uma para cada um dos sopros do quinteto. Este curioso recurso nos pareceu indicar a intenção do compositor em não perder de vista o material original, suspeita que confirmamos ao fazer esta primeira análise de seu arranjo. Infelizmente não nos foi possível, até o momento, entrevistar as professoras Elza Lakschevitz e Inês Ruffino para conhecermos o procedimento indicado por ele para o coro infantil e o piano, já que o manuscrito traz apenas o quinteto de sopros. O que temos, por enquanto, é a própria gravação, mas consideramos precipitado usá-la nesta primeira abordagem. Restringimos portanto nossa análise ao material que temos até agora, isto é, a partitura original do *Guia Prático* e o quinteto de sopros escrito por Guerra-Peixe. A fase de pesquisa mal começou e

esperamos, no decorrer dos próximos meses, somar a este material muitas outras informações.

Passemos, então, às observações feitas:

1) A forma do arranjo de Guerra-Peixe é a mesma da miniatura do *Guia Prático*, incluindo a introdução, o ritornelo e o “pulo” ao final. Na gravação, porém, esta forma é executada duas vezes - não sabemos ainda se isto foi uma indicação do arranjador ou da direção musical do projeto.

2) Na introdução vamos encontrar uma transcrição bastante literal da partitura de Villa-Lobos: a voz superior é realizada pelo oboé com dobramento da flauta oitava acima; clarinete e fagote ficam com as duas vozes inferiores, e no terceiro compasso a trompa entra para fazer a segunda voz. A única diferença está no fato de que a primeira voz não vai para a nota ré, sétima do acorde de dominante, ao final deste terceiro compasso.

3) A partir da entrada do canto o acompanhamento original passa a ser feito por fagote (no baixo), trompa e clarinete, enquanto a flauta e o oboé, sempre oitavados, passam a desempenhar um papel mais ornamental, bordando a melodia principal com pequenos fragmentos que não se encontram no original do *Guia Prático*.

4) Na segunda parte o quinteto de sopros faz a condução harmônica reforçando o adensamento que observamos neste ponto, mas em momen-

to nenhum dobra a melodia principal. Já o acorde final — que, como a introdução, tem caráter instrumental — é reproduzido literalmente.

O termo ‘arranjo’ costuma ser usado para designar um trabalho que, partindo de uma canção — melodia ou melodia/harmonia — envolve definição de forma, composição de introdução, intermezzos, coda, (re)harmonização, criação de contracantos e outros procedimentos. O termo ‘transcrição’, por sua vez, caracteriza uma adaptação feita com base em

partitura já existente. Aplicando estes conceitos às versões aqui analisadas, nos parece pertinente questionar o uso do termo ‘arranjo’ para designar o trabalho feito por Guerra-Peixe sobre a *Machadinha* do *Guia Prático*: a proposta de ser fiel ao material de referência — que, diga-se de passagem, pode requerer mais arte e domínio técnico do que a tarefa de criar uma adaptação livre — caracterizaria este como um trabalho de ‘transcrição’. Já o que Villa-Lobos fez a partir da *Machadinha* original, isto é, da melodia folclórica, nos parece corretamente indicado no livro como um trabalho de ‘arranjo’.

A dissertação de mestrado que estamos desenvolvendo pretende abrir uma discussão sobre a validade do uso das técnicas de transcrição para adaptar obras eruditas a formações diferentes daquelas para as quais foram originalmente escritas. A idéia de abordar o assunto é fruto de nossa convivência com grupos dedicados à música brasileira, e da observação dos resultados obtidos com a adoção, bem mais que eventual, deste tipo de prática. Pelo fato de envolverem material humano jovem — entre regentes, instrumentistas, arranjadores e compositores — estes grupos desempenham, paralelamente à atividade artística, um papel didático. E, naturalmente, convertem-se em importantes formadores de platéia. Devemos frisar que seu repertório costuma incluir, além de transcrições, obras em suas versões originais e arranjos de canções populares, o que amplia consideravelmente a faixa de público que tal trabalho pode atingir. Optamos por fechar o foco sobre as transcrições por acreditar em sua importância, não só para o aprendizado das técnicas de instrumentação e orquestração ou para o convívio dos jovens músicos com o repertório erudito brasileiro, mas também para a sobrevida e divulgação deste repertório, que ganha espaço à medida em que se torna adaptável a diversas realidades.

♩ ALLEGRETTO ♩ = 132

a tempo

di - nha Quem te pôs a mão sa-ben-do que és mi - nha Quem te pôs a

sfz *sfz*

mão sa - ben-do que és mi - nha

D.S.

FL *mf* *rall*

OB *mf* *rall*

CL *mf* *rall*

HN

FG *mf* *rall*

FL

OB

CL a tempo

HN a tempo

FG a tempo

FL

OB

CL

HN

FG

D.S.